

A escritura: tempo do Real¹

Ana Maeso Maeso
Tradução de Beatriz Chnaiderman

Resumo

Este trabalho mostra um percurso da autora a partir da experiência do passe e da posterior nomeação como Analista de Escola (AE). Trata-se de um testemunho, não o primeiro, que procura apontar para os momentos-chave de uma análise: atravessamento da fantasia, ato analítico, encontro com o real na análise e efeitos produzidos no sujeito. A partir das letras encontradas/inventadas na análise e da *lalíngua*, vai se decantando o aparecimento do objeto, nesse caso o objeto-voz. O ganho e a satisfação obtidos na análise colocam-se em relevo na descoberta dos pequenos fragmentos de saber encontrados, em uma experiência singular e única, mas que se convertem em algo precioso, permitindo ser um sujeito advertido do inconsciente. Fragmentos de saber que são postos em circulação na transmissão na Escola.

Palavras-chave:

Transmissão; Escola; Ato analítico; Letra; Indizível; Voz.

Writing: the time of the Real

Abstract

This work presents a certain trajectory of the author stemming from the experience of the Pass and the subsequent nomination as School Analyst (AE). It is a testimony, not the first, that seeks to point to the key moments of an analysis: traversal of the phantom, the analytic act, the encounter with the Real in analysis, and the effects produced in the subject. From the letters found/invented in the analysis and from *lalangue*, the object comes into view through a process of decantation, in this case the voice object. The gain and satisfaction obtained in analysis are highlighted in the discovery of the small fragments of knowledge encountered in a singular and unique experience, which nevertheless become something precious, allowing one to become a subject forewarned of the unconscious. Fragments of knowledge that are set into circulation through transmission within the School.

Keywords:

Transmission; School; Analytic act; Letter; Unsayable; Voice.

1 Testemunho do passe, apresentado no Espaço Escola do XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em Maceió (AL) em 2025.

A escritura: tiempo de lo Real

Resumen

Este trabajo muestra cierto recorrido de la autora a partir de la experiencia del pase y la posterior nominación como Analista de Escuela (AE). Es un testimonio, no el primero, que trata de apuntar a los momentos claves de un análisis: atravesamiento del fantasma, acto analítico, encuentro con lo real en el análisis y los efectos producidos en el sujeto. A partir de las letras encontradas/inventadas en el análisis y de la *lalangue* se va decantando la aparición del objeto, en este caso objeto voz. La ganancia y satisfacción obtenidas en el análisis se ponen de relieve en el descubrimiento de los pequeños retazos de saber encontrados, en una experiencia singular y única, pero que se convierten en algo preciado, permitiendo ser un sujeto advertido del inconsciente. Retazos de saber que se ponen en circulación en la transmisión en la Escuela.

Palabras clave:

Transmisión; Escuela; Acto analítico; Letra; Indecible; Voz.

L'écriture : temps du Réel

Résumé

Ce travail montre un certain parcours de l'auteure à partir de l'expérience de la passe et de la nomination ultérieure comme Analyste d'École (AE). Il s'agit d'un témoignage, non le premier, qui vise à mettre en évidence les moments clés d'une analyse : traversée du fantasme, acte analytique, rencontre avec le réel dans l'analyse et effets produits sur le sujet. À partir des lettres trouvées/inventées dans l'analyse et de la *lalangue*, se décante progressivement l'apparition de l'objet, en l'occurrence l'objet voix. Le gain et la satisfaction obtenus dans l'analyse se trouvent mis en relief dans la découverte des petits fragments de savoir rencontrés, au sein d'une expérience singulière et unique, mais qui deviennent quelque chose de précieux, permettant d'être un sujet averti de l'inconscient. Fragments de savoir qui sont mis en circulation dans la transmission à l'École.

Mots-clés :

Transmission ; École ; Acte analytique ; Lettre ; Indicible ; Voix.

O tema do Espaço Escola, *Os laços e a transmissão na Escola*, possibilita-me pensar sobre algumas coisas. Colocarei o acento na transmissão, ainda que sejam inseparáveis. Vou me deter em algo que me surge como pergunta de uma passadora e que me remete à minha própria: o que você acha que pode trazer à Escola? É algo que não tem resposta, agora percebo, porque o efeito do que se transmite, de um dizer, é incalculável. Pode-se apenas pensar a partir do lugar que Lacan localiza na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista e a Escola”, com uma frase um tanto enigmática. Ele assinala, a respeito do Analista de Escola (AE): “(...) tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista de sua própria experiência” (Lacan, 1967/2013c, p. 248). O que essa afirmação pode querer dizer? Alguém não pode ser sujeito e agente. E então? O que vou descobrindo no que compartilhamos na Escola é que se trata de colocar o AE no lugar daquilo que causa, mas causa em relação à Escola, causa as produções da Escola, que se produza algo que permita avançar nos obstáculos da prática psicanalítica.

Lacan também aponta, em um texto posterior, de 1973, “Sobre a experiência do passe”, que não há formação de analistas, apenas formações do inconsciente, e que, portanto, na experiência da análise só pode haver transmissão de um saber que está ali, no inconsciente, e que o que se pode aprender a partir daí é como isso se produziu. Diz textualmente: “nesse sentido, e apenas nesse sentido, uma análise é didática” (Lacan, 1975, p. 19).

Trata-se de transmitir aos outros, prestar contas, na Escola, de algo em torno do saber (restos de saber) que se adquiriu em uma experiência singular e única. Utilizo a expressão *prestar contas*, grifada por Lacan, vinculada ao ato analítico, que está do lado da causa, de sentir-se concernido.² Um ato, o analítico, do qual não se é dono... Não há nenhum Sujeito Suposto Saber sobre o ato; portanto, não se pode prestar contas do ato em si, apenas dos efeitos produzidos em um sujeito, caso esse queira fazê-lo, se, ao final de sua análise, ele quiser falar sobre como se produziu o passe de analisante a analista. Realmente, é paradoxal e complexo. Sobretudo, porque se trata de apontar o real, o real do ato, que é algo impossível de transmitir.

É fundamental que uma análise tenha produzido transformações; os chamados ganhos terapêuticos não são o suficiente. O ato analítico produz uma transformação radical, uma metamorfose do sujeito, de onde vêm a satisfação e a leveza. Essa experiência, que marca um antes e um depois, deixa uma certeza (das poucas que há em uma análise) e uma convicção sobre o inconsciente, o que não quer dizer que haja certezas ali, mas que o sujeito se torna advertido. Sabe que está tomado pelo inconsciente, pelas letras que estão inscritas, que são só isso, letras, letras às quais não se pode aceder, e das quais percebemos apenas pequenos fiapos, um nada, mas que se tornam um tesouro para o sujeito.

2 “Prestar contas” se refere ao termo “*dar cuenta*”, que, como em português, também tem o sentido de “encarregar-se”. (N.T.)

Um dos paradoxos é que ali onde se produz a destituição subjetiva, onde se percebe que não se é, onde não há eu, mas apenas falta-a-ser, onde só há divisão subjetiva, ali onde só há vazio, ali se pode criar algo, ali pode surgir um novo sujeito. Digamos que há um vazio onde algo circula ou pode circular. Ali pode haver certo manejo desse vazio, que permite a criação de um objeto.

Em uma aventura analítica, vai-se em busca do escrito, da letra que não esteve. O encontro com a linguagem, com o Outro, produz uma marca de algo que não se pode nomear, indizível, mas que terá consequências e afetos na vida de um sujeito. Rasgo no ser. Encontro impossível, encontro da ordem do horror produzido pelo vislumbre desse lugar vazio. Abismo que não é uma fronteira, mas um litoral, onde se misturam terra e água, onde se mistura o sujeito com seu sintoma, seu gozo e a tentativa de pôr em palavras, em significantes que dotem de sentido esse lugar que não tem representação. Presença da ausência.

Lacan assinala a inexistência do Outro; não há Outro do Outro, mas há Um, *há do Um*. Esse Um é da ordem da marca, da letra, da palavra, que deixa marca no ser falante, mas que é uma rasura, e não a impressão original. Essa letra forma parte dessa areia do litoral, que se define de forma retroativa a partir da rasura. Encontramo-nos com o mesmo tipo de funcionamento que se produz em relação ao objeto *a* (que nunca existiu, já que não tem representação nem imagem, é esse nada — esperança ou desesperança —, porém, essência de nosso desejo) e ao traumático (que somente aparece diante do efeito de uma situação atual ressignificada). Só podemos falar de movimentos retroativos, ressignificantes. E podemos dizer que a repetição sintomática se organiza a partir do que não houve, do que não foi.

Sabemos que a verdade só pode ser dita não-toda; a verdade é indizível, mas paradoxalmente isso produz verdade. Conhecemos a verdade mentirosa do fantasma, da qual a análise permite libertarmo-nos; deixamos de nos interessar tanto por esse enquadre. A linguagem, que não é ato do sujeito, coloca-nos diante de uma de suas dimensões: o indizível, o inominável. O inconsciente é um saber sem sujeito, ou seja, há uma impossibilidade entre os representantes do sujeito e o saber.

Indizíveis com que me enfrento, para além da condição de *parlêtre*, dada de antemão, em razão de um fato acontecido na minha biografia, ao ter que enfrentar uma perda que não tem nome, a perda de um filho, que produz uma grande devastação no meu ser e, por outro lado, minha condição de mulher. Esses indizíveis me conduzem à terceira parte da minha análise, tempo do real, para mim.

Estamos diante do real; não se trata do simbólico. A letra surge do encontro com o significante e com o Outro, marca da pulsão. Um encontro com o Outro e um sem-sentido que porta esse significante, o qual conformará, *a posteriori*, essa escritura de gozo de um sujeito.

Amátrida é a letra que aparece como significante e gozo, no meu caso. Eu escrevo **a-mátrida**. Objeto que cai, posição do sujeito amarrado a um destino fantasmático, cuidar e salvar o Outro. O objeto que fui para o Outro e a descoberta de que somente posso estar nessa posição, em relação com o desejo do Outro, o que é correlativo a cernir, isolar, a castração do Outro.

Esse S1 se converte em significante, que reconheço como significante mestre do gozo, que regula o gozo do meu sintoma, significante encarnado, gozo próprio do sintoma, opaco, excluído do sentido e que permite passar pelo circuito do sem-sentido do real (Soler, 2011, pp. 27-30). Distingue-se dos outros, tomados do discurso do Outro, dos ideais, do fálico e também de outros significantes de lalíngua, pois se trata de algo que aparece com recorrência.

Entre o gozo e o saber se constituirá esse litoral, onde a letra, que diz ao pé da letra, desenha a borda do furo no saber, e, “para preenchê-lo, ela recorre a invocar nele o gozo” (Lacan, 2013a, p. 18).

Até o final da análise, quando ainda restava um tempo, aparece o que considero lalíngua: **bosera**. É um som que emitia, em movimento, quando era pequena e tentava alertar minha mãe de alguma coisa. **Vocera**, me assinala a analista. Algo aponta aí para o objeto voz, por um lado, e, por outro, para o essencial da voz na constituição do inconsciente, como resto do vazio que ressoa no Outro. Sem dúvida, é um achado, quando descubro que a voz está na dança. A voz da qual desfruto na minha contínua e persistente assistência às representações de ópera e a voz também de um supereu que, em algumas ocasiões, se mostra feroz comigo mesma.

Voz que também esteve presente na escolha de meus últimos analistas, em alguns dos poemas que pude escrever, às vezes. Uma pergunta que surge: a escolha do analista existe somente a partir da atribuição do Sujeito Suposto Saber?

Sujeito que está lá, dançando, reduzido a um ser de dito, um simples *parlêtre*. A linguagem como o passo da língua privada à língua com os outros. A voz deixará um resto, significante e gozo, resto que tomará o caminho para formar a matéria-prima do inconsciente. E, por outro lado, ligada à dimensão temporal, “a voz não é o dizer e esse não é a voz, já que não pode ser a escansão...” (Lacan, 1974), assinala Lacan no *Seminário 21*.

Devo distinguir o pulsional da voz, puro objeto furado.

A voz como incorporação da alteridade; o Outro é um vazio e ali ressoa; como objeto, é outra coisa que não a ressonância; a voz se incorpora, não se a-simila (em direção ao semelhante, semanticamente). A voz, então, não como sonoridade, já que não ressoa em nenhum vazio espacial. A voz responde ao que se diz, mas não pode responder por isso. É alteridade do que se diz, por isso se manifesta para nós como som alheio. É nesse vazio que a voz ressoa como distinta das sonoridades. A voz se situa, então, em relação à palavra; há uma incorporação.

A entrada na última *tranche* da análise ocorre a partir de um sonho vinculado às mulheres. Na sala de espera da minha analista, há muitas mulheres árabes, com o *hijab* na cabeça, vestidos longos, cobertas, estão cozinhando... A partir daí, a feminilidade entra na dança, mas do lado fálico e da pulsão oral ainda...

O impossível de dizer em palavras, meu ser mulher, a perda, leva-me a investigar. Faço, durante a segunda parte da análise, um trabalho sobre a questão: a mulher (barrada): amada e/ou maldita? O mal-dito, que aparece na minha vida, dá lugar ao final de análise: poder habitar de algum jeito a feminilidade, aceitar que há muitas maneiras de nomear meu ser de mulher, mas não de modo concreto. Vejo em sonho meu passaporte com fotos de diferentes mulheres, e dessa vez elas me parecem atraentes. Identidade sem identidade fixa.

Começa a aparecer uma saída para o meu luto, do qual saio com mais perda, uma perda redobrada. Abandono um trabalho vinculado à infância, no qual tinha reconhecimento e facilidades. Redobramento da perda, porém ganância quanto ao desejo. Essa decisão tem uma ligação importante com a emergência do que podemos chamar de passe de analisante a analista.

Aparece um sonho.

Vou ao meu consultório, abro a porta e está escuro, vejo que faltam minha poltrona e um móvel de livros (que foi me acompanhando nas minhas mudanças nos últimos anos); o divã estava lá, e a poltrona onde sentam os pacientes; pergunto-me com certa angústia: e agora, o que vou fazer? Não posso trabalhar assim! De repente, faz-se a luz e tenho uma cadeira, aparece uma cadeira, modesta, mínima; porém, digo a mim mesma: é possível, posso atender!!!!

Para mim, há um significado concreto: há uma mudança, um giro, começo a ver que a posição do analista não é um lugar confortável, não é para dormir... é algo muitas vezes incômodo. Ser suporte do discurso analítico é um lugar, sobretudo, incômodo.

Esse sonho ocorre depois da renúncia à que aludi anteriormente, importante nos meus afazeres profissionais, para continuar com meu consultório (que já tinha antes, embora fosse muito ocupada por essa atividade ligada à infância) e abordar a psicanálise a partir de outro lugar. Momento de perda, difícil pelos laços que deixo, porém, um momento de emergência do desejo, desejo sem objeto e, portanto, sentido inédito.

Nesse terceiro momento da análise, desloco-me para longe da minha cidade, viajo e viajo também para outros lugares distantes (não só pela análise), durante uns tantos anos. Nas viagens dedicadas à análise, experimento e descubro, com surpresa, uma solidão agradável, gratificante. E, sobretudo, encontro as coordenadas, os restos, o mapa dos significantes, minha própria cartografia (que alude a mapa e letra), das pulsões, da letra, que marcaram minha existência e meu gozo.

O real, nessa ocasião, apresenta-se como o resultado da análise, não como os avatares da vida, apenas: doença, morte... É um real que tem a ver com o gozo, meu gozo próprio, com os limites do que posso conseguir... Isso foi uma autêntica surpresa para mim, que pensava que aceitando o que havia me acontecido as coisas melhorariam. Nada mais distante!

Os limites de uma análise, tema importante, colocam-se em jogo no final da aventura. Sei que há questões às quais não conseguirei ir mais adiante; devo aceitar isso. Aparece a impossibilidade, nomeada de diversas maneiras: diante do sexo, da linguagem, do gozo, do sintoma e na minha relação com os homens, com o amor. Há um limite que aparece claramente para mim. Há incuráveis.

Considero que poder descobrir que há um real próprio do percurso de cada um, mais além dos acidentes biográficos, onde o que aparece é o sem-sentido do gozo, traz outra satisfação, específica e diferente. Satisfação que produz leveza e a passagem da tragédia à comédia.

Leveza que me permite pôr em marcha a dimensão do tempo de outro modo; posso recordar fatos da minha vida que tinham ficado bloqueados diante do traumático.

Acontecimento como momento em que se pode circunscrever algo da minha verdade. É um instante concreto, existe um momento em que nos vemos de forma diferente da que nos víamos até então.

No meu caso, a escritura passa pela contingência articulada à impossibilidade, poder chegar a *cessar o que não cessa de não se escrever*. A contingência, o que pode não ser; há ali um ponto de fuga do discurso que dá testemunho do real. Essa cristalização, ponto de enodamento, fiapo de saber, possibilita-me não continuar indo atrás dos impossíveis, aí cessa o que *não cessa de não se escrever*. Mas quero destacá-lo do modo como faz Lacan, recorrendo à lógica em função da lógica matemática como acesso ao inconsciente que testemunha um real inacessível e também um real que alcançamos diante daquilo que não tem escritura.

A contingência do que se escreve em uma análise, à força de produzir o Um somente, e não o Dois, que faria a relação entre os gozos; a análise toca, de fato, o gozo fálico por “ter feito da castração sujeito” (Lacan, 2013b, p. 378).

O fálico abordado em uma análise como chave, ponto do que é causa de desejo, na análise *cessa de não se escrever*. Aí, a experiência analítica encontra seu fim, pois o máximo que pode produzir é S1, o Um. “Só como contingência, pela psicanálise, cessou o falo... de não se escrever” (Lacan, 1985, p. 114).

Meu desejo de fazer o passe vem de longe; já no meu primeiro percurso me aparecia como questão, mas sempre ficava como algo distante. No final da minha análise, precipita-se com certa urgência fazer o pedido de passe. É nesse terceiro momento que se articula e se engancha a psicanálise, a Escola, o passe. Essa urgência vem determinada pela experiência dessa nova satisfação, inédita para mim até então, dada

minha tendência à insatisfação. A satisfação surge tanto no final quanto durante as conversas com as passadoras, não importando o resultado, pois sabia o que havia ganhado de importante na minha análise. Penso que isso determinou a urgência, no meu caso. E, como aparece em um sonho: eu não tenho que terminar todo o trabalho, os outros, o cartel do passe, a Escola determinará... Os laços...

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1985). *Seminário 20: Aún*. Barcelona: Paidós.
- Lacan, J. (1974). *Les non-dupes errent*. Lição de 9 de abril de 1974. Inédito.
- Lacan, J. (1975, junho). Sobre la experiencia del pase. *Lettres a L'Ecole Freudienne*, (15).
- Lacan, J. (2013a). Lituraterre. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2013b). O ato psicanalítico: resumo. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2013c). Proposição de 9 de outubro de 1967. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Soler, C. (2011, janeiro). Colocar o real em seu lugar. *Wunsch*, (10), 27-30. Recuperado de <https://www.champlacanien.net/public/docu/4/wunsch10.pdf>

Recebido: 09/03/2026

Aprovado: 08/04/2026